

INTERAÇÕES MEDICAMENTOSAS ENTRE PSICOFÁRMACOS EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

Antonia Jhanyelle Hilário da Silva¹; Anni Catarina Ribeiro Rodrigues¹;
Jefferson Lima da Silva¹; Isabel Cristina Oliveira de Moraes²

¹Discente do Curso de Farmácia do Centro Universitário Católica de Quixadá.
E-mail: jhany.hilario@hotmail.com; annycatarinaribeiro@hotmail.com;
jefferson.lima.jl25@gmail.com

²Docente do Curso de Farmácia do Centro Universitário Católica de Quixadá.
E-mail: isabelcristina@unicatolicaquixada.edu.br

RESUMO

Os psicofármacos são medicamentos usados no tratamento de doenças mentais, apresentando sua ação no sistema nervoso central, sendo capazes de causar dependência física ou psíquica. Muitas vezes são erroneamente utilizados como atenuantes de sintomas que nem sempre estão associados a alguma doença mental. O estudo tem como objetivo elaborar estratégias e ações educativas direcionadas aos profissionais de saúde, com intuito de racionalizar as prescrições mais frequentes no CAPS de Quixadá. A pesquisa foi do tipo descritiva, documental, exploratório, retrospectiva com abordagem quantitativa. Os dados foram coletados no período de outubro a novembro de 2018, no CAPS de Quixadá. O estudo analisou 63 prontuários de pacientes, com a média de 74 anos de idade e a avaliação dos prontuários mostrou que 29 (46%) idosos fazem uso de mais de 3 classes de psicofármacos distintos. Os psicofármacos mais consumidos foram os antipsicóticos, seguidos pelos ansiolíticos. A análise dos prontuários permitiu a identificação de 35 interações medicamentosas, as quais foram classificadas de acordo com a gravidade da interação em leve (9%), moderada (77%) e grave (14%). Os fármacos mais utilizados foram: Diazepam, Clonazepam, Amitriptilina, Nortriptilina, Risperidona, Haloperidol e a Quetiapina, que também serviram como base para a verificação das interações medicamentosas. Conclui-se que a avaliação das prescrições, o estudo de interações medicamentosas e dos tipos de efeitos provocados pelas mesmas é de utilidade na farmacoterapia em usuários de psicofármacos, uma forma de acrescentar no cuidado terapêutico do paciente com doenças mentais, auxiliando inclusive profissionais, estudantes e/ou mesmo pesquisadores como uma fonte de informação.

Palavras-chave: Interação medicamentosa. Psicofármaco. Saúde do Idoso.

INTRODUÇÃO

Os psicofármacos são medicamentos usados no tratamento de doenças mentais, os quais apresentam sua ação no sistema nervoso central, sendo capazes de causar dependência física ou psíquica. A classificação dos psicofármacos pode ser feita em cinco grupos (ansiolíticos, antidepressivos, antiepiléticos, antipsicóticos e estimulantes do sistema nervoso central). Entretanto atualmente há uma alteração no modo de uso de cada grupo, como a utilização de medicamentos de uma classe sendo usado para tratar patologias de outra classe. Muitas vezes são erroneamente usados quando utilizados como atenuantes de sintomas cotidianos que nem sempre estão associados a alguma doença mental (BEUX, 2016).

No Brasil não há muitos estudos sobre a prevalência de uso dos psicofármacos, nem parâmetro de uso na população. Sendo necessário ter conhecimento sobre a prescrição dessa classe de medicamentos e o porquê de seu uso, pois o uso inadequado pode ocasionar uma diminuição da resposta terapêutica, alterações no cotidiano do usuário em diversos aspectos, entre outros agravos, decorrente de interações medicamentosas de risco ou mesmo reações adversas, tolerância e dependência (BEUX, 2016).

A interação medicamentosa vem sendo então apontada como um grave problema de saúde pública. Geralmente estão associadas aos erros de medicação, resultando em efeitos negativos e não esperados aos usuários. Assim caberia a reavaliação da posologia, principalmente em relação ao horário da ingestão do medicamento, avaliando sempre o risco/benefício do medicamento. Dentre as principais reações estão: neurotoxicidade, déficits psicomotores, danos cerebrais, fraqueza muscular, discinesias, diminuição ou aumento da concentração plasmática do medicamento e/ou da sua eficácia.

As interações medicamentosas podem aumentar o risco de ineficiência do tratamento, ocasionando consequências graves ao paciente. A ocorrência de interações e suas implicações clínicas despertam particular interesse nas áreas da psicofarmacologia, pois a polifarmácia é prática frequente nas psicopatologias e tem aumentado progressivamente. Muitos desses fármacos podem estar associados a interações medicamentosas com riscos aos pacientes. Dessa forma, o presente estudo surge como uma forma de identificação das principais interações ocorridas entre os psicofármacos usados em idosos, promovendo um material educativo com os medicamentos que mais interagem, minimizando os riscos dessas interações e assim podendo haver uma reavaliação dos mesmos, tendo em vista o risco/benefício, visando sempre uma melhor terapêutica para o paciente.

METODOLOGIA

O estudo foi realizado no CAPS geral da cidade de Quixadá, onde atende a pacientes com sofrimento ou transtorno mental auxiliando assim os pacientes com psicopatologias onde os acompanhamentos são periodicamente. A pesquisa com os pacientes foi do tipo descritiva, documental, exploratório, retrospectiva com abordagens quantitativas. A população que participou da coleta foram pacientes com mais de 65 anos que utiliza mais de um medicamento com junção de um psicofármaco tendo sempre a preservação anônima. Com um cálculo amostra a população teve 95% de confiança 50% uma probabilidade de ocorre eventos e um erro amostra de 5%. Os dados foram coletados no mês de outubro e novembro de 2018 com autorização do CAPS, tendo um termo de compromisso de utilização de dados TCUD.

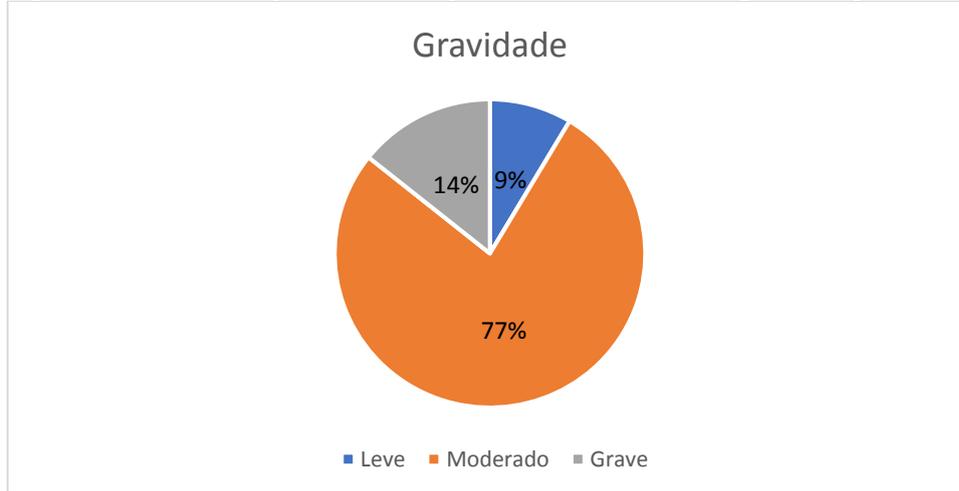
O presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética em pesquisa do Centro Universitário Católica de Quixadá, através da Plataforma Brasil para ser avaliado e aprovado de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as diretrizes e normas sobre pesquisa envolvendo seres humanos. O mesmo então foi analisado e aprovado sob o parecer nº 2.935.449.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo analisou cerca de 63 pacientes (idosos) com uma idade média de 74 anos que compareciam mensalmente ao CAPS para o atendimento médico, a avaliação dos prontuários mostrou que 29 desses idosos, cerca de 46%, fazem uso de mais de 3 classes de psicofármacos distintos. Dentre os psicofármacos mais consumidos estão os antipsicóticos, seguidos pelos ansiolíticos

A análise dos prontuários permitiu a identificação de 35 interações medicamentosas, as quais foram classificadas de acordo com a gravidade da interação em leve (9%), moderada (77%) e grave (14%) (Figura 1).

Figura 2 – Classificação das interações medicamentosas quanto a gravidade



Já nessa tabela podemos ver os medicamentos mais prescritos dentro de cada classe.

Tabela 1 – Principais medicamentos prescritos aos idosos atendidos no Centro de Atenção Psicossocial do município de Quixada-CE. Fonte: Da autora. ATD: antidepressivo tricíclico; IMAO: Inibidor na monoaminaoxidase; ISRS: Inibidor Seletivo da Recaptação de Serotonina

Nome químico	Número de Usuários	Classe Terapêutica
Diazepam	11	Ansiolítico
Clonazepam	7	Ansiolítico
Amitriptilina	5	Antidepressivo (ADT)
Nortriptilina	4	Antidepressivo (ADT)
Risperidona	10	Antipsicótico Atípico
Haloperidol	9	Antipsicótico Típico
Quetiapina	8	Antipsicótico Atípico

Fonte: Autores, 2019.

Segundo Santos et al. (2009), identificar as classes farmacológicas utilizadas é de fundamental importância, pois alguns grupos farmacológicos apresentam maior índice de interações medicamentosas possíveis, principalmente os benzodiazepínicos, anticonvulsivantes e antidepressivos. Tornando-se necessário o acompanhamento farmacoterapêutico, principalmente nos casos em que haja necessidade de utilizar qualquer outro medicamento, inclusive os de venda livre e alguns alimentos.

Os idosos são mais vulneráveis as interações medicamentosas, por serem indivíduos, na grande maioria, portadores de doenças crônicas e, conseqüentemente, utilizarem grande variedade de medicamentos. Além disso, a deterioração das funções hepática e renal, assim como a diminuição do metabolismo e eliminação dos medicamentos, torna esse grupo mais propenso ao risco de interações medicamentosas (VIEIRA et al., 2012).

Sendo assim, mesmo aqueles que apresentam grau moderado é necessário avaliar seu uso, por mais que não tenha um risco muito alto, mas geralmente apresentam diminuição do efeito de outro medicamento daquela mesma prescrição. É viável fazer uma avaliação da dieta

daquele paciente, pois alguns medicamentos também chegam a ter interação mesmo que moderada com os mesmos.

Nossos resultados são consistentes com os de outros estudos no que diz respeito ao maior potencial de ocorrência de interações com o aumento do número de medicamentos prescritos. Embora essa relação seja amplamente evidenciada na literatura, é importante a quantificação dessa em nosso meio, como forma de alertar profissionais e gestores para os riscos envolvidos. A utilização de múltiplos fármacos pressupõe uma análise detalhada dos benefícios e riscos, incluindo-se aí a possibilidade de interações medicamentosas (ALVIN, 2015).

Um dos objetivos desse estudo foi a elaboração de estratégias e ações educativas direcionadas aos profissionais de saúde, com o intuito de racionalizar as prescrições de medicamentos. Para tanto, foi elaborado um folder (Figura 2) com as interações mais frequentes no CAPS de Quixadá, com o objetivo de minimizar os efeitos adversos ou prevenir a ocorrência de interações prejudiciais para o paciente



INTERAÇÕES MEDICAMENTOSAS

Os seguintes efeitos são considerados raros, entretanto, é necessário verificar o quadro do paciente e sempre avaliar o risco/benefício.

 <p>QUETIAPINA + HALOPERIDOL = Aumenta o risco de um ritmo cardíaco irregular.</p>	<p>É ideal fazer o acompanhamento cardíaco e em caso de desenvolver tontura súbita, desmaios, falta de ar ou palpitações durante o tratamento rever a utilização dos mesmo.</p>
 <p>DULOXETINA + ESCITALOPRAM = Síndrome serotoninérgica.</p>	<p>Caso paciente sinta alguns dos seguintes sintomas: confusão, alucinações, convulsões, mudanças extremas na pressão arterial, aumento da frequência cardíaca, febre, suor excessivo, espasmo ou rigidez muscular, tremor. É ideal rever a utilização dessa associação.</p>
 <p>AMITRIPTILINA + HALOPERIDOL = Aumenta ritmo cardíaco.</p>	<p>Essa associação pode afetar o ritmo do seu coração. Observar se houver cansaço, tonturas, desmaios, confusão, tremores, dificuldade em respirar e batimentos cardíacos irregulares. Dosagens menores de amitriptilina podem ser necessárias quando usadas com o haloperidol.</p>
 <p>FLUOXETINA + AMITRIPTILINA = Sedação, boca seca, visão turva, constipação.</p>	<p>Essa combinação pode causar retenção urinária. Podendo aumentar os níveis de fluoxetina, que incluem alteração da consciência, confusão, coordenação muscular deficiente, cólicas abdominais, calafrios, dilatação das pupilas, sudorese, pressão alta e batimentos cardíacos aumentados. Observar a utilização e possível mudança de posologia.</p>
 <p>CLONAZEPAM + OLANZAPINA = Diminuição da pressão arterial, pulso fraco, sonolência, tontura.</p>	<p>Essa associação pode causar pressão arterial baixa, respiração superficial, pulso fraco, fraqueza muscular, sonolência, tontura e fala arrastada. Sendo mais comum em idosos ou naqueles com uma condição debilitante. Evitar atividades que requerem mais atenção. E rever um possível reajuste de dose dos mesmos.</p>



A maioria dos psicofármacos apresentam interações consideradas moderadas com alimentos então é importante avaliar a alimentação do paciente.

Embora nem todas as interações medicamentosas possam ser prevenidas, a difusão do conhecimento para os profissionais de saúde, quanto aos principais fatores de risco, assim como o mecanismo de ação das interações, associados à divulgação das mais frequentes e relevantes na prática clínica, constitui um dos principais instrumentos de prevenção das interações medicamentosas. Esse conhecimento permitirá aos prescritores optarem por regimes terapêuticos e horários de administração de medicamentos mais seguros conduzindo, assim, a assistência de qualidade e com maior segurança para o paciente (LIMA; CASSIANE, 2009).

É de suma importância salientar que os pacientes ao fazerem uso de psicofármacos devem ser orientados do aparecimento de reações adversas e buscar não interromper o tratamento de forma súbita tendo em vista que tal interrupção pode agravar seu quadro clínico. Sendo de grande valia destacar que os mesmos não façam uso de álcool durante o tratamento e estejam atentos as suas formas de trabalho como, por exemplo, operarem máquinas pesadas devido ao risco de sonolência diurna (FERNANDES, 2012). Um acompanhamento

farmacoterapêutico é crucial, pois no cotidiano nem sempre é possível dar toda assistência necessária para aquele paciente.

CONCLUSÃO

Este estudo permitiu constatar que os fármacos mais prescritos no CAPS foram os ansiolíticos e antidepressivos, as interações mais frequentes foram entre fármacos antidepressivos e antipsicóticos, e no que diz respeito a gravidade das interações as mais frequentes foram as moderadas. Com isso, percebe-se a necessidade de procurar estratégias que diminuam as chances de prejuízos à saúde devido a tais interações.

Uma alternativa viável para redução das possíveis interações medicamentosas ao alcance dos profissionais seria a modificação na posologia levando-se em consideração a farmacocinética. Tendo sempre em vista o risco/benefício, assim a mudança na posologia daquelas prescrições que não podem ser alteradas, mesmo que não altere totalmente os efeitos, mas se for possível minimizá-lo já se torna uma grande ajuda ao paciente

Baseado nos resultados encontrados neste trabalho, conclui-se que a avaliação das prescrições, o estudo de interações medicamentosas e dos tipos de efeitos provocados pelas mesmas é de utilidade na farmacoterapia em usuários de psicofármacos. Espera-se que o estudo sirva como uma forma de acrescentar no cuidado terapêutico do paciente com doenças mentais, pois não há muitas pesquisas sobre as interações medicamentosas de uma forma geral, principalmente dessa classe de medicamentos. Auxiliando inclusive profissionais, estudantes e/ou mesmo pesquisadores como uma fonte de informação

REFERÊNCIAS

ALVIM, Mariana Macedo; SILVA, Lidianey Ayres da; LEITE, Isabel Cristina Gonçalves; SILVÉRIO, Marcelo Silva. **Eventos adversos por interações medicamentosas potenciais em unidade de terapia intensiva de um hospital de ensino**. Revista Brasileira de Terapia Intensiva, v. 27, n. 4, p. 353-359, 2015.

ARAÚJO, Marcílio dos Santos et al. **Perfil Terapêutico e hematológico dos pacientes atendidos no centro de atenção psicossocial (CAPS) no interior do Ceará**. Boletim Informativo Geum, v. 6, n. 3, p. 22-29, 2015.

ARRUDA, Evilanna Lima; MORAIS, Hevilem L. M. N; PARTATA, Anette Kelsei. **Avaliação das Informações Contidas em Receitas e Notificações de receitas Atendidas na Farmácia do CAPS II**. Araguaína (TO): [s.n], 2012.

BEUX, Mariana Tortelli. **Entre prescrições e cuidado na promoção da saúde mental: uma análise do uso de psicofármacos**. 2016. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta, 2016.

CORDIOLI, A. V. **Psicofármacos nos transtornos mentais: consulta rápida**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/psiquiatria/psiq/Caballo%206_8.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2018.

FIGUEIREDO, Silvana Mara de; VILELA, Luciano Rezende. **Avaliação das interações medicamentosas entre psicotrópicos em uma drogaria no município de Sete Lagoas –**

Minas Gerais. 2017. 17 f. TCC (Graduação) - Curso de Farmácia, Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas/MG, 2017.

GRASSI, Liliane Tri Vellato; CASTRO, July Evelyn dos Santos. **Estudo do Consumo de Medicamentos Psicotrópicos no Município de Alto Araguaia-MT.** [S.l.]: [s.n], 2014.

HOEFLER, Rogério. **Interações Medicamentosas.** São Paulo: Portal Educação, 2015.

KANTORSKI, Luciane Prado et al. **Descrição de oferta e consumo dos psicofármacos em Centros de Atenção Psicossocial na Região Sul brasileira.** Revista da Escola de Enfermagem da USP, Região Sul, v. 6, n. 45, p. 1481-1487, mar. 2011.

MARTINHAGO, Fernanda; OLIVEIRA, Walter Ferreira de. **A prática profissional nos Centros de Atenção Psicossocial II (CAPS II), na perspectiva dos profissionais de saúde mental de Santa Catarina.** Saúde em Debate, Rio de Janeiro, v. 95, n. 36, p. 583-594, dez. 2012.

NUNES, Brenno Gomes. **Uso de psicofármacos e estratégias para a promoção do uso racional: proposta de intervenção na Unidade da Estratégia Saúde da Família Anna Florência, Ponte Nova - Minas Gerais.** 2015. 29 f. TCC (Graduação) - Curso de Especialização, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Relatório mundial sobre drogas. Suíça: Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crime (UNODC), 2017.** Disponível em: <https://www.unodc.org/documents/wdr2015/World_Drug_Report_2017.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2018.

POLIT, D. F.; BECK, C. T. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem.** 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SADOCK, B. J.; SADOCK, V. A.; SUSSMAN, N. **Manual de Farmacologia Psiquiátrica de Kaplan & Sadock.** 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.

SCHENKEL, Maiara et al. **Interação medicamentosa em usuários de antidepressivos do sistema público de um município do sul do Brasil.** Revista Ciência & Saúde, Ijuí, v. 8, n. 3, p. 107-114, 21 jan. 2015. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1983-652x.2015.3.21093>.

XAVIER, M. S.; TERRA, M. G.; SILVA, C. T.; MOSTARDEIRO, S. C. T. S.; SILVA, A. A.; FREITAS, F. F. **Psicofármacos e indivíduos com transtorno mental.** Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, v. 18, n. 2, abr./jun. 2014.